

DA TIPOLOGIA AO GÊNERO TEXTUAL: A ETNOSSOCIOLINGUÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESCRITA DE TESES E DISERTAÇÕES

Data de aceite: 03/04/2023

Severina Alves de Almeida Sissi

Professora titular da Faculdade de
Ciências do Tocantins (FACIT)
<http://lattes.cnpq.br/6220371309359392>
<http://orcid.org/0000-0001-5903-6727>

Rosineide Magalhães de Sousa

Professora associada da Universidade de
Brasília (UnB/FUP)
ORCID: 0000-0001-7558-4224

Denyse Mota da Silva

Professora do Curso de Letras da
Universidade Estadual do Tocantins-
Unitins, Araguatins-TO, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0752913978707603>
<https://orcid.org/0000-0002-8769-5276>

Simara de Sousa Muniz

Doutoranda em Educação pelo
(Educanorte/UFT)
Professora do Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual do Tocantins-
Unitins, Araguatins-TO, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5712970996850848>
<https://orcid.org/0000-0001-9725-1970>

RESUMO: Tese é apresentada como gênero textual prototípico a partir da tipologia que a individualiza. O intuito é perceber a Tese no domínio discursivo acadêmico,

identificando suas contribuições para uma efetiva comunicação linguística e social, tendo em vista os domínios teóricos da Etnossociolinguística e do Letramento. O objetivo é debater a Tese além da perspectiva tradicional mediante teorias exaustivamente reproduzidas, sustentando atividades empíricas que podem ser apreendidas e ensinadas de forma linear. Antes, propomos a Tese como gênero textual acadêmico com propriedades sociocomunicativas, estilísticas e composicionais, a partir das contribuições de estudiosos que situam cada uma dessas categorias como meio de articulação das práticas acadêmicas, notadamente em relação à escrita produção e compreensão de textos.

PALAVRAS-CHAVE: Tese. Gênero textual. Etnossociolinguística.

FROM TYPOLOGY TO TEXTUAL
GENRE: ETHNOSOCIOLINGUISTICS
AND ITS CONTRIBUTIONS
FOR WRITING THESES AND
DISSERTATIONS

ABSTRACT: Tese is presented as a prototypical textual genre based on the typology that individualizes it. The aim is to perceive the Thesis in the academic

discursive domain, identifying its contributions to effective linguistic and social communication, considering the theoretical domains of Ethnosociolinguistics and Literacy. The objective is to debate the Thesis beyond the traditional perspective through exhaustively reproduced theories, supporting empirical activities that can be learned and taught in a linear way. Are, we propose the Thesis as an academic textual genre with socio-communicative, stylistic and compositional properties, based on the contributions of scholars who situate each of these categories as a means of articulating academic practices, notably in relation to writing, production and comprehension of texts.

KEYWORDS: Thesis. Verbatim genre. Ethnosociolinguistics.

INTRODUÇÃO

Historicamente, trabalhos acadêmicos como Teses e Dissertações¹ são escritos reproduzindo teorias exaustivamente reproduzidas num texto linear, no qual é recorrente um capítulo descrevendo e discutindo um trabalho empírico. São, pois, textos em que a autoria está numa propensa invisibilidade, refletindo muito mais a opinião de autores secundários, do que as argumentações dos pesquisadores que são também os autores. Nesse sentido, apresentamos a Tese como gênero textual prototípico disseminando ideias e conhecimento. O intuito é percebê-la no domínio discursivo acadêmico, identificando suas contribuições para uma efetiva comunicação linguística e social, tendo em vista os domínios teóricos da Etnossociolinguística e do Letramento, expandindo-se para a etnografia e a (socio)linguística².

O objetivo é debater a Tese além da perspectiva tradicional que ocorre quase sempre mediante um arcabouço teórico amplo que sustenta alguma atividade empírica, realizada numa concepção positivista³. Antes, propomos a Tese como gênero textual acadêmico com propriedades sociocomunicativas, estilísticas e composicionais, tendo como base a Tese “Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições para um Currículo Bílingue e Intercultural Indígena Apinajé” (ALMEIDA, 2015)⁴.

Os procedimentos metodológicos se situam no âmbito da pesquisa bibliográfica e descritiva, a partir de uma frente teórica das mais consistentes. Ademais, o estudo em sua constituição epistemológica parte de Tipologia e Gênero Textual (MARCUSCHI, 2013; BRONCKART, 1999, 2006; BAKTIN, 2003); Etnossociolinguística (ALMEIDA, 2015;

1 Ao longo do texto sempre que apresentamos o termo “Tese” está implícito que também nos referimos a “Dissertações”, uma vez que Tese não é exclusiva de doutorados, mas de mestrados também.

2 A opção pela grafia (Socio)linguística está apoiada nas teorias de Roberto G. Camacho (2013), pois o enfoque está na relação entre língua e sociedade com o objetivo de entender como determinada sociedade estabelece redes e teias de comunicações linguísticas em seus domínios sociais (ALMEIDA, 2015, p. 37).

3 O positivismo surgiu na França no início do século XIX sendo seus principais idealizadores pensadores Auguste Comte e John Stuart Mill. É, pois, uma corrente filosófica que admite apenas o que é real, verdadeiro, inquestionável, aquilo que se fundamenta na experiência. Deste modo, a escola deve privilegiar a busca do que é prático, útil, objetivo, direto e claro. Os positivistas se empenharam em combater a escola humanista, religiosa, para favorecer a ascensão das ciências exatas. As ideias positivistas influenciaram a prática pedagógica na área das ciências exatas. Na área de ensino de ciências sustentam a aplicação do método científico: seleção, hierarquização, observação, controle, eficácia e previsão (IBRAHIM ISKANDAR, e RUTE LEAL, 2002, p. 3).

4 Disponível: www.unb.br.

ALMEIDA, 2021; ALMEIDA ET ALL, 2021); Letramento, etnografia e (socio)linguística (ALMEIDA, 2015; BORTONI-RICARDO, 2014; CAMACHO, 2013; e SOUSA, 2006), autores que situam cada uma dessas categorias como meio de articulação das práticas discursivas, notadamente em relação à escrita, interpretação e produção de textos acadêmicos.

Ademais, esses autores situam Língua; Discurso; Tipos e Gêneros textuais; Etnossociolinguística, Letramento, Etnografia e (socio)linguística num mesmo arcabouço epistemológico, expresso na concepção do “socialmente construído”, fornecendo uma visão na qual a “função social” concede “forma” aos modos como traços linguísticos e culturais, imbricam-se na realidade dos falantes. O texto assume uma configuração transdisciplinar em que a Etnossociolinguística, epistemologia que estabelece um liame com letramento, etnografia e (socio)linguística ratifica-se no social, perpassando cada uma dessas categorias.

A Etnossociolinguística constitui-se como um construto epistemológico que apresenta a (socio)linguística como o uso da língua no contexto social em franca associação à etnografia e ao letramento, sendo este compreendido como uma prática social que constrói e constitui subjetividades⁵. A intenção é conceber à Tese uma dialogicidade que permita representatividade e voz aos autores, de modo que estes se constituam como sujeitos explícitos do texto que escrevem, favorecendo efetivamente a defesa de “Uma Tese”, dado o teor subjetivo desta.

TESE: DA TIPOLOGIA AO GÊNERO TEXTUAL

Nesta seção discutimos criticamente a elaboração de uma Tese no âmbito da Tipologia e do Gênero Textual a partir das teorias de Marcuschi (2013); Bronckart (2006); BAKHTIN (2003). Além desses, buscamos em Almeida (2015); Almeida e Albuquerque (2021) e Almeida et all (2021), as proposições necessárias para validar as argumentações sobre uma “Tese” na concepção da Etnossociolinguística. Vale ressaltar, que as afirmativas que fazemos no decorrer de nossas argumentações se baseiam em nossa prática de leituras de Teses e Dissertações, tanto em participação de bancas de avaliação, como em orientações, ou mesmo para ampliação de nosso repertório, debatendo a forma como são escritos esses trabalhos acadêmicos.

Mas, afinal, o que é uma Tese?

Tese é polissêmico, podendo ser uma proposição tanto afirmativa quanto negativa, mas defendendo sempre um ponto de vista. No âmbito acadêmico cabe asseverar que uma Tese é um trabalho obrigatório para a obtenção do título acadêmico de doutor⁶. Segundo Umberto Eco (1996), Tese é uma proposição intelectual-acadêmico que apresenta

5 A concepção de subjetividade a que nos reportamos é a de Fernando Gonzáles Rey (2007), vista numa perspectiva histórico-cultural com valor heurístico para as ciências do homem e que está presente na sua dupla condição de processo e configuração.

6 Isso vale no Brasil, pois em muitos países o termo Tese é estendido também às Dissertações de Mestrado.

resultados de uma pesquisa complexa e aprofundada sobre temas que podem ser amplos, ou não, mas com abordagem teórica definida. É, pois, um texto que se individualiza pela defesa de uma ideia, de um conceito, ou pelo questionamento acerca de um determinado assunto. O manuscrito é de teor dissertativo e o autor trabalha com argumentos, fatos e dados que utiliza como recurso para reforçar ou justificar o desenvolvimento de suas ideias.

Em nossa prática como avaliadoras, orientadoras ou simples leitoras, a primeira pergunta que fazemos quando estamos diante de um trabalho de doutorado é: “Qual a Tese defendida pelo autor”? E o que percebemos é que na maioria dos casos não existe, naquilo que o termo exige, uma “Tese” a ser defendida, mas um texto que se apresenta mesmo como uma ampla resenha de teorias exaustivamente reproduzidas, seguidas por um capítulo descritivo de algum estudo empírico, comprometendo a questão da autoria, desde que a voz de quem escreve quase não é percebida. Nesse sentido, e para que possamos validar nossas argumentações, apresentamos conceitos e definições clássicas acerca de Tese, Tipologia e Gênero Textual.

DEFINIÇÃO E CONCEITO DE TIPO E GÊNERO TEXTUAL

Segundo Marcuschi (2013, p. 3), “[...] Aspecto teórico e terminológico relevante é a distinção entre duas noções nem sempre analisadas de modo claro na bibliografia pertinente”, como é o caso de gênero e tipos de texto. Ademais, o importante é separar aquilo que se convencionou chamar de tipo textual e de gênero textual, individualizando-os. O caso não é polemizar a diversidade terminológica existente nessa seara, mas perceber cada uma dessas proposições no âmbito de suas estruturas semânticas, conclui Marcuschi (2013) e mais: “[...] Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. Em outros termos, partimos do pressuposto de que a comunicação verbal só é possível por algum texto.

O que está explícito na colocação desse autor é que tipologia e gênero textual pedem-se coadunar num mesmo vocábulo e é disso que estamos tratando em relação à Tese. Ademais, esse pensamento de Marcuschi (2013), defendido também por Bakhtin (2003) e Bronckart (2006), é seguido por teóricos do estudo da língua quando o que está em evidência são os aspectos discursivos e enunciativos e não em suas características formais.

Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos (MARCUSCHI, 2013, p. 3).

Nesse sentido, e visando a elucidar com mais clareza conceitos de tipos e gêneros

textuais, apresentamos seguinte quadro sinóptico:

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
Constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas	Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas
Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos	Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas
Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal	Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função
Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição	Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fig. 1: Quadro sinóptico

Fonte: Marcuschi (2013, p. 4)

O quadro 1 é esclarecedor do que defendemos nesse artigo, ou seja, que uma Tese é ao mesmo tempo um tipo e um gênero textual. Uma Tese é essa afluência de constructos teóricos definidos por domínios linguísticos intrínsecos aos enunciados com propriedades sociocomunicativas. Sua constituição textual se efetiva por seguimentos linguísticos encadeados por enunciados, parte de um discurso em associação a um contexto sustentando ou não atividades empíricas, cumprindo funções de comunicação.

TESE COMO GÊNERO TEXTUAL PROTÓTIPO

Reiteramos que a escrita de uma Tese se efetiva na esteira da tipologia que a individualiza, inserida num domínio discursivo que permite uma efetiva comunicação linguística e social naquilo que se entende por protótipo. Com efeito, o termo “protótipo” não é aleatório, antes se baseia na teoria dos protótipos proposta por Kleiber (1995), que define protótipo como um caso típico de categorização.

Levando essas argumentações para a escrita de uma Tese, partimos do pressuposto de que esta é uma categoria própria da área da linguística em sua constituição estilística, funções sintáticas e aportes de significados, individualizando o discurso. Como categoria Tese se insere na perspectiva da linguística cognitiva.

Segundo Almeida, Faulstich e Sousa (2022, p. 71),

[...] uma das mais basilares funções da mente (associada à linguística

cognitiva) é a capacidade de interpretar significados e sedimentar informações, pois, uma vez que essas são adquiridas, é possível transformá-las em conhecimento. Sendo assim, as categorias se processam na mente a partir das informações recebidas, perceptíveis por que as estruturas cognitivas as organizam, tornando possível elencar determinadas coisas como pertencentes a determinadas categorias protótipo.

Associar a constituição de uma Tese às teorias de protótipo e de linguística cognitiva valida o que estamos argumentando ao longo desse texto, quando propomos que uma Tese é, simultaneamente, um gênero e um tipo textual, sedimentando proposições transformando-as em conhecimento, categorizando e processando informações adquiridas teórica e/ou empiricamente. Tudo acontece mediante o processamento das informações apreendidas na organização cognitiva, assumindo, a Tese, o contorno de uma categoria que deve estar munida de alteridade.

Nesse sentido, fica explícito o teor dialógico de uma Tese, dentro daquilo que propõem Bakhtin (2003) e Bronckart (1999; 2006), estudiosos que se ocupam também em estudar aspectos discursivos e enunciativos, o que se aplica à escrita de Teses, considerando serem estes textos de conteúdos temáticos com amplo teor de dialogicidade. Ademais, esses autores circunscrevem suas teorias considerando parâmetros do mundo físico, por exemplo, emissor, receptor, espaço e momento em que o texto é produzido, como padrões do mundo social e subjetivo, como é o caso dos elementos da interação comunicativa que integram axiologias, normas e regras, além do conteúdo temático da produção textual.

Os estudos bakhtiniano sobre linguagem desvelam uma noção de diálogo como um princípio fundamental da atividade da elocução. Para Bakhtin, toda linguagem é dialógica, e todo enunciado é sempre um discurso em associação com o contexto em que ocorre, partindo sempre de um locutor para o um interlocutor (PIRES, 2002). Segundo essa autora, Bakhtin trabalha com a assertiva de que esforços na constituição de uma ação discursiva são compartilhados pelos interlocutores, tratando-se, ademais, de uma perspectiva de interação verbal voltada para a subjetividade dos envolvidos no processo sociocomunicativo. Nesse sentido, a comunicação é vista não como mera transmissão de informações de uma pessoa (produtor) para outras (receptores), mas como uma modelação mútua a partir de uma ação conjunta e interativa entre esses sujeitos sociais.

A ETNOSSOCIOLINGUÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESCRITA DE TESES

A emergência da Etnossociolinguística ocorreu quando o grupo de estudos SOLEDUC⁷ discutindo etnografia e sociolinguística em contextos complexos, por exemplo, aldeias

7 Grupo de Estudos coordenado pela Prof^a. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB) que agrega pesquisas realizadas no âmbito da (Socio)linguística e dos letramentos múltiplos realizadas em diferentes contextos sociais, que abrangem a investigação na língua, linguagem, diversidade cultural e identitária, principalmente em comunidades tradicionais (quilombolas e indígenas).

indígenas e comunidades quilombolas, percebeu que essas categorias expandiam-se além das fronteiras investigativas e linguísticas, imbricando para uma “Etnossociolinguística”. Porém, conceitualmente, esta vai muito além da simples aglutinação do radial grego “ethos” ou “etno”, da palavra “etnografia” e da “sociolinguística” como à primeira vista seu léxico pode anunciar. É, antes, um construto epistemológico que contribui como procedimento metodológico em pesquisas com povos minoritários⁸, considerando suas peculiaridades étnicas, identitárias, linguísticas, (socio)linguísticas e culturais.

Para efeito da pretensão que temos nesse manuscrito, ou seja, enquadrar a escrita de uma Tese na perspectiva da Etnossociolinguística apresentamos como exemplo a Tese: “Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições para um Currículo Bilingue e Intercultural Indígena Apinajé”⁹, com um desenho onde os letramentos dialogam com etnografia e (socio)linguística, indo além de arquétipo tradicional com divisões precisas entre teoria e prática. Antes, propomos a Tese como gênero textual acadêmico com propriedades sociocomunicativas, estilísticas e composicionais, de modo que a separação do texto em “pequenas caixas” seja revista, permitindo que o leitor seja instigado, “seduzido” pelo texto, sentindo prazer na leitura. “Seduzir no sentido de encantar pela beleza, não como técnica de manipulação” (GADOTTI, 2011, p. 15).

Reiteramos que o teor inovador de uma Tese na perspectiva da Etnossociolinguística deve, necessariamente, estabelecer um liame com a eminência de uma intersubjetividade pautada no diálogo envolvendo a arquitetura do texto, os dados da pesquisa e a voz do autor. Em todos os elementos da Tese coloca-se em segundo plano a organização padronizada em “introdução, capítulo teórico-metodológico e resultados” quando a questão da autoria reveste-se de uma quase invisibilidade. No modelo de Tese que propomos os resultados são apresentados em todos os capítulos, de modo que dados empíricos dialogam com a frente teórica sistematicamente, favorecendo que a defesa da “Tese” que o autor propõe seja disseminada em todo o texto.

Esclarecemos, no entanto, que em nenhum momento as teorias são negligenciadas, evidenciando, sobressaindo ou impondo uma hegemonia dos dados. O importante é que estejam em responsividade uma vez que as argumentações, em muitos aspectos, necessitam de serem validadas por teorias precedentes. Ademais, a composição de uma Tese é complexa, com múltiplas frentes teóricas e diferentes categorias de análise, exigindo um esforço soberano em relação à escolha da bibliografia, e um cuidado supremo no que concerne à questão da autoria. Nesse sentido, a ética, construto social como qualquer outro exige do pesquisador um compromisso radical com seus pares. Se a ideia não é nossa temos, obrigatoriamente, o dever de revelar qual a fonte consultada. Muito mais do

8 “Cabe supor que o termo minoria é utilizado para referenciar grupos humanos inferiorizados, uns em relação a outros em diferentes aspectos. Segundo Hannah Arendt (2008), as minorias são grupos de pessoas marginalizadas no seio de uma sociedade hegemônica devido a aspectos sociais, econômicos, físicos, religiosos, linguísticos ou culturais. Como exemplo, a autora apresenta a insana perseguição às minorias (Judeus, Ciganos, Negros, Homossexuais, Deficientes Físicos, dentre outros), protagonizada pela Alemanha nazista em meados do século XX” (ALMEIDA, 2015, pp. 47-48).
9 Disponível: www.unb.br.

que atender às recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), buscamos prestigiar pesquisadores que nos precederam sem os quais não conseguiremos, sequer, iniciar qualquer trabalho acadêmico.

Finalmente, onde entra o letramento a etnografia e a (socio)linguística na composição de uma Tese inserida nos meandros da Etnossociolinguística?

Como sabemos, letramento é uma prática social que se efetiva a partir da relação que determinada comunidade mantém com material escrito. Porém, são muitos os tipos e modelos de letramento¹⁰ que alumiam nossas argumentações, porém, dois destes são mais evidentes na Tese que nos serve como modelo: “letramento multissemiótico e letramento multimodal”. O primeiro comporta os sentidos de um texto e suas idiossincrasias, permitindo ao autor exercer sua alteridade, num cenário em que a autonomia é soberana. O segundo se materializa envolvimento à multimodalidade, fenômeno que revela diferentes atitudes semióticas, ou seja, diferentes linguagens, línguas e representações visuais que são combinados e integrados em situações sociocomunicativas.

São exemplos de um letramento multimodal conversações, elementos verbais, combinação de língua escrita, imagens, fotografias, gráficos e tipografia (VAN LEEUWEN, 2015), dentre outros elementos constitutivos de trabalhos acadêmicos como uma Tese. Ademais, quando folheamos a Tese “Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições para um Currículo Bilingue e Intercultural Indígena Apinajé”, percebemos a presença dos letramentos multissemiótico e multimodal desde os elementos pré-textuais. Ademais, um recurso que demonstra o cuidado estético do manuscrito, são excertos com dados da pesquisa que estão presentes em todos os capítulos. Mais do que descrever situações reais de uma etnografia num contexto complexo, tal procedimento permite maior responsividade com as teorias em movimento.

Em relação à etnografia e à (socio)linguística as contribuições são fáticas, desde que uma, assim como a outra, estabelecem comunicação entre interlocutores, que tanto pode verbal quanto escrita, quando interagem pesquisadores e participantes da pesquisa, promovendo um status relativo para ambas as categorias. A etnografia, notadamente a etnografia da comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014), favorece a compreensão da competência comunicativa, estabelecendo parâmetros para um entendimento acerca de competência linguística, diferenciando-as. A (socio)linguística, por conseguinte, determina a habilidade do usuário da língua em produzir e entender um número infinito de seqüências linguísticas significativas, tais como enunciados, sentenças e frases, a partir de um número finito de estruturas (TRAVAGLIA, 2011).

Nesse sentido, a competência linguística assume o contorno de regras que permitem

10 “[...] não existe um letramento, mas ‘letramentos’, por exemplo, letramento escolar, letramento digital, letramentos múltiplos, letramentos multissemióticos, letramento multimodal, letramento multicultural, dentre outros. Expandindo o letramento escolar, percebo que em vez de ‘ensino de ciências’, tem ‘letramento científico’ e isso vale para as demais disciplinas curriculares, pois é recorrente termos como ‘letramento literário’ quando se trata das práticas de leitura e escrita na área da literatura, e ‘numeramento’ no âmbito do ensino de matemática” (ALMEIDA, 2015, p. 176).

ao sujeito emitir, receber, entender e se fazer entender em qualquer situação de interação. Já a competência comunicativa ocorre quando o falante é capaz de fazer uso de enunciados da língua em situações concretas de comunicação, o que se aplica à escrita de uma Tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tese de doutorado é um texto de teor argumentativo no qual um autor defende suas ideias, as quais devem ser claras sem dar margens a contestações, porém pode ser a contestação de uma ideia. Quando afirmamos que não deve dar margem a contestação é porque é isso que se pretende com uma Tese. Contudo, o autor não está livre de que alguém faça um contraponto. Todavia, o autor deve estar preparado para defender “sua Tese” se for questionado e essa possibilidade pode ser a escrita de uma Tese contestando outra Tese que já foi publicada.

Nesse sentido, acreditamos que uma “Tese” de doutorado só deve ser publicada se o autor, em consonância com seu orientador e/ou co-orientador, se for o caso, estiverem totalmente certos do que estão defendendo. Por isso apresentamos, nesse artigo, procedimentos que consideramos relevantes para orientar futuros doutores que, na maioria dos casos, realizam um trabalho de tamanha complexidade pela primeira vez.

De modo nenhum acreditamos que nossos procedimentos são melhores do que qualquer outro. O que buscamos é acrescentar ao que já existe algo que venha ajudar nas dificuldades que esses acadêmicos enfrentam quando precisam de escrever suas Teses. E aqui tem muito de nossas experiências como professoras-orientadoras e avaliadoras com participação em bancas de vários programas há vários anos. Nosso intuito é contribuir com pesquisadores e pesquisadoras que enfrentam alguma dificuldade no momento de escrever suas Teses.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Severina Alves de; FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus; SOUSA, Rosineide Magalhães de. Língua e Cultura Indígena Apinayé: um modelo lexical prototípico. In: **Olhares linguísticos para os povos originários no Brasil: perspectivas para educação escolar indígena e suas desconstruções**. V. II. / Francisco Edviges Albuquerque, Danielle Mastelari Levorato e Nunes Xavier da Silva (orgs.). Goiânia: Ed. Alta Performance, 2022. [E-book] e Impresso. 324p. : il. ISBN: 978-65-84519-75-6.

ALMEIDA, Severina Alves de. **Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições para um Currículo Bilingue e Intercultural Indígena Apinajé / Severina Alves de Almeida; Orientadora Rosineide Magalhães de Sousa**. -- Brasília, 2015. 358p. Disponível: www.unb.br. Acesso: 12-dez-2022.

ALMEIDA, Severina Alves de; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Currículo Bilingue e Intercultural Indígena Apinayé: Um Projeto Etnossociolinguístico. **JNT- Facit Business And Technology Journal**. Qualis B1. ISSN: 2526-4281. <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov. 2021. Ed. 31. V. 2. Págs. 380-444.

ALMEIDA, Severina Alves de; SOUSA, Rosineide Magalhães de; ALBUQUERQUE Francisco Edviges; SILVA, Ângela Maria; SILVA, Denyse Mota. Etnossociolinguística e Transdisciplinaridade na Realidade Indígena Apinayé: A Lógica do Terceiro Incluído. **JNT-Facit Business And Technology Journal** - ISSN: 2526-4281 Qualis B1. Fevereiro 2021 - Ed. Nº 23. Vol. 1. Págs. 153-172.

ARENDT, Hannah. **Compreender: Formação, Exílio e totalitarismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4ª ed. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes [1979 (2002)].

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BRONCKART, Jean Paul. Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Acesso em: 28-dez-2022.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da Linguística Formal à Linguística Social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. 14ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ERICKSON, Frederick. What makes school ethnography ethnographic? **Anthropology & Education**. Quarterly, volume 15, 1984. Disponível: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1525/aeq.1984.15.1.05x1472p>, Acesso em: 29-dez-2022.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido / Moacir Gadotti**. -- 2. ed. -- São Paulo : Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. -- (Educação cidadã; ISBN: 978-85-61910-73-0. Disponível: <https://www.paulofreire.org>. Acesso em: 29-dez-2022.

GONZALÉZ REY, Fernando. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psic. da Ed.** São Paulo, 24, 1º sem. de 2007, pp. 155-179. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso: 04-set-2015. 22:19h.

GOUVEIA, Luis Borges. **Contributos para a escrita e organização da estrutura do relatório final de doutoramento: a tese**. Local de presença Web <http://tecnologiaredesesociedade.wordpress.com>. Repositório de trabalho científico *trs <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/3787>. Universidade Fernando Pessoa. Praça 9 de Abril, 349. 4249-004 Porto, Portugal. Março de 2018. Acesso em: 29-dez-2022.

IBRAHIM ISKANDAR, Jamil; RUTE LEAL, Maria. Sobre Positivismo e Educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 3, núm. 7, septiembre-diciembre, 2002, pp. 1-6. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, Brasil. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118078007.pdf>. Acesso em: 29-dez-2022.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. 2013. 49p. Disponível: https://dmlm.fflch.usp.br/sites/dmlm.fflch.usp.br/files/MARCUSCHI-Luiz-Antonio__O-processo-de-producao-textual.pdf. Acesso em: 29-dez-2022.

VAN LEEUWEN, Theo. Multimodality. In: Tannen, Deborah; Hamilton, Heidi; Schiffrin, Deborah. **The handbook of discourse analysis**. eBook, inglês. Edição: Second edition. Editora: Wiley Blackwell, Malden, MA: Wiley Blackwell. 2015. ISBN 9781118584187.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e Alteridade ou a Teoria da Enunciação em Bakhtin. **Organon**, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002. DOI: 10.22456/2238-8915.29782. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Gênero Discursivo Mediacional**: Uma Pesquisa Na Perspectiva Etnográfica. Universidade de Brasília, 2006, 257p. Tese (Doutorado em Linguística). Disponível: www.unb.br. Acesso em: 05-dez-2022.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Alfa**. São Paulo, 51 (1): pp. 39-79, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426>. Acesso em: 31-dez-2022.